



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONARIO – MEMBRO DO COMITE DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

**Órgão do Partido
Operário Revolucionário**
☎ (11) 95446-2020
www.pormassas.org
@massas.por
anchor.fm/por-massas
Nº 26 – 3 de setembro de 2023

CARTA DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR) AOS DELEGADOS DO V CONGRESSO DA CSP-CONLUTAS

Este Congresso está diante dos seguintes acontecimentos:

1) guerra na Ucrânia, agravamento da guerra comercial dos Estados Unidos com a China, escalada militar, emergência de conflitos na África, acirramento das disputas interburguesas na América Latina, projeção da crise econômica mundial, ataques cada vez mais duros às condições de existência dos explorados e despertar das massas para a luta de classes; 2) eleição de Lula, fracasso da tentativa de golpe de Estado pela ultradireita, constituição de um governo de frente ampla, aliança burguesa para impulsionar as novas contrarreformas, avanço das condições de miséria e fome sobre a maioria oprimida; 3) burocratização, corporativismo, estatização e divisionismo dos sindicatos, hegemonia da política de colaboração de classes; 4) crise de direção revolucionária. Bastam esses quatro pontos, de conjunto, para se ter claro que o V Congresso da CSP-Conlutas ocorre em uma situação de particular decomposição do capitalismo, de acirramento dos choques mundiais entre os países e da necessidade de organização dos explorados para travar duras batalhas no campo da luta de classes. É nesse marco que a vanguarda com consciência de classe está diante da tarefa de trabalhar pela superação da crise de direção. O que exige uma política revolucionária que organize os explorados a partir de suas reivindicações, com seus métodos próprios e sob a estratégia da revolução social.

Guerra na Ucrânia

O Congresso deve se posicionar pelo fim imediato da conflagração, por uma paz sem anexação. Somente a classe operária, organizada, unida e em luta com sua estratégia e métodos revolucionários pode lutar e derrotar o cerco da OTAN à Rússia, acabar com a guerra, impor a retirada das tropas russas e conquistar a autodeterminação da Ucrânia, garantir a integridade territorial e colocar nas mãos dos oprimidos o direito de separação.

Essa linha de combate à guerra na Ucrânia coloca a necessidade do proletariado enfrentar a escalada militar que se gesta e se potencia nas entranhas da guerra comercial travada pelo imperialismo sob a chefia dos EUA. Ganha projeção a bandeira de dissolução da OTAN e desmonte das bases militares do imperialismo norte-americano em todo o mundo. Por essa via, se coloca a unidade dos explorados e dos povos oprimidos, que se veem ameaçados por uma hecatombe mundial. A OTAN é o braço armado concebido e montado pelos EUA, logo após a Segunda Guerra, para impor a ordem imperialista, segundo a nova partilha do mundo, e ao objetivo histórico de liquidar a URSS, restabelecer o capitalismo e interromper o processo de transição do capitalismo ao socialismo.

Não se chegou à guerra do imperialismo contra a URSS, a burocracia estalinista se encarregou de impulsionar os choques internos e a gestar a guerra civil para desmorrá-la por dentro,

expressando as poderosas pressões da crise do capitalismo mundial e da influência do imperialismo sobre a ditadura burocrática. Esse processo contrarrevolucionário está na base da guerra na Ucrânia.

Não pode haver dúvida de que se trata de uma guerra de dominação, tanto em seu caráter de classe burguesa, quanto nos interesses capitalistas. O povo ucraniano serve de bucha de canhão dos Estados Unidos e aliados europeus e de anteparo à Rússia restauracionista.

O Congresso deve tomar todo o cuidado em não confundir o intervencionismo da OTAN e a subserviência do governo Zelensky com a autodeterminação da Ucrânia, bem como não confundir a invasão militar russa com a libertação da nação oprimida. A defesa da independência de classe do proletariado diante das forças em confronto é fundamental para a luta contra a guerra de dominação e sua transformação em guerra de libertação. Ou o proletariado se une sob sua estratégia, seus métodos de combate de classe e sua organização, ou não haverá uma paz sem anexação, e não será possível enfrentar a escalada militar que ultrapassa os marcos da Europa.

É com o programa das revoluções proletárias, com o internacionalismo e com a estratégia histórica dos Estados Unidos Socialistas da Europa que as massas derrotarão o cerco da OTAN à Rússia, libertarão a Ucrânia e retomarão as conquistas da Revolução de Outubro, que edificou a obra mais elevada do proletariado mundial, que foi a URSS.

Situação política e governo burguês de Lula

O Congresso deve se colocar pela organização de um movimento de oposição revolucionária ao governo de conciliação de classes. É de grande importância o fato de a quase totalidade das direções sindicais apoiar Lula, seja assumindo a campanha eleitoral no primeiro turno, seja colocando-se pelo voto no segundo turno. Os sindicatos da CSP-Conlutas que se valeram do “voto crítico” no segundo turno não deixam de ser responsáveis pelo governo de frente ampla.

Independentemente de concordar ou não com essa avaliação crítica do Partido Operário Revolucionário (POR), que fez campanha pelo voto nulo, é necessário que os delegados do Congresso discutam e aproveem a linha de oposição revolucionária ao governo Lula. Está colocado um chamado às demais centrais e sindicatos para que rompam com o governo de frente ampla e se coloquem por dar início à luta em defesa das reivindicações dos explorados, convocando um Dia Nacional de Luta com paralisações, bloqueios e manifestações, no sentido de preparar uma greve geral.

Nesses poucos meses de governo, Lula, o PT e aliados se mostraram subordinados às pressões das frações oligárquicas da burguesia que controlam o Congresso Nacional, do imperialismo e

dos militares. Bolsonaro e o bolsonarismo se encontram em uma posição frágil, premidos pelo fracasso do golpe aventureiro e pelos escândalos de corrupção. Mas esse fator da situação política não pode ser confundido como se Lula e a frente ampla tenham golpeado as tendências fascizantes, que se desenvolvem no seio da burguesia, impulsionadas pela decomposição econômica do capitalismo e pelo apodrecimento das instituições democráticas.

Para ajustar e proteger a débil governabilidade, Lula começou por ceder os dedos, e, agora, já entregou as mãos às forças de centro-direita. Do ponto de vista econômico, segue a promoção das contrarreformas, que são antipopulares e antinacionais.

Quando Temer e Bolsonaro impuseram as contrarreformas trabalhista e previdenciária, bem como a terceirização, diziam que alavancariam a economia do Brasil. Lula faz a mesma promessa com o arcabouço fiscal e a reforma tributária, apoiado no Congresso oligárquico, que garante os interesses dos exploradores.

Está em andamento a reforma administrativa, que completará a sequência das contrarreformas. O desemprego, o subemprego, a informalidade, a pobreza, a miséria e a fome continuam a sacrificar a vida das massas.

A bandeira de oposição revolucionária ao governo de Lula e de combate à política de conciliação de classes é estratégica para responder de conjunto às contrarreformas e responder com o programa de reivindicações. Isso porque se assenta no método da luta de classes, ativa a democracia operária, aciona a ação direta das massas e assinala o caminho da luta pela revolução social, por um governo operário e camponês, expressão histórica da ditadura do proletariado.

Burocratização e estatização dos sindicatos

A classe operária e os demais trabalhadores vêm pagando caro pela crise estrutural do capitalismo e por suas elevadas manifestações conjunturais. O que ressalta a responsabilidade das direções sindicais.

Dada a impossibilidade de a burguesia realizar reformas progressivas no capitalismo decadente e esgotado historicamente, a burocratização e estatização dos sindicatos avançaram a níveis inimagináveis. Essa é a forma de sua subsistência. Mas, isso graças às direções burocráticas que se adaptam ao capitalismo putrefato, sujeitam-se ao parlamento e aos governos da burguesia e são controladas por partidos que praticam, aberta ou disfarçadamente, o colaboracionismo.

O burocratismo e estatismo afastam os sindicatos das bases, que não podem controlar sua direção e sua política. A democracia operária deixa de ser o fundamento das decisões e do funcionamento sindical. A casta burocrática se profissionaliza na arte da colaboração de classe e nas manobras políticas para enganar os trabalhadores. Os burocratas se elevam por cima da classe operária e fazem do sindicalismo uma profissão. Passam a temer as assembleias, as divergências e as decisões coletivas. Não estão dispostos a cumprir a vontade da maioria. Temem as greves, as ocupações e as manifestações de massa. Vêm acabando com as campanhas salariais. Valem-se do conservadorismo da minoria para desviar as tendências de luta da maioria. Tornam-se correias de transmissão dos partidos da ordem capitalista, e caixas de ressonância nas disputas eleitorais. Usam o temor dos assalariados diante das demissões para justificar sua inação. Elevam-se por cima da classe para fazer acordos de flexibilização capitalista do trabalho. Assim, impõem os lay-offs, os bancos de hora, os PDVs etc. Auxiliam o patronato a implantar as contrarreformas. Criticam verbalmente, mas colaboram na prática. Apoiam-se nas manobras dos capitalistas em proteger uma minoria, para sacrificar a maioria. Acertam com as multinacionais uma forma de representação fabril ultracontrolada. Por tudo isso, os burocratas se adaptaram à lei antigreve. E dela se valem para barrar a ação

direta e desviar o descontentamento dos explorados para a política eleitoral.

Os burocratas para se manterem na direção eliminam ou reduzem ao máximo o direito de oposição. As eleições sindicais se tornaram um ritual, uma formalidade, manipuladas rigidamente. Agora, as direções autoritárias passaram a recorrer às modalidades virtuais, facilitando a abolição das campanhas nos locais de trabalho. A queda na taxa de sindicalização é um reflexo negativo da desconfiança dos explorados em seus sindicatos, que confundem com a própria direção traidora.

Os delegados deste Congresso têm o dever se rebelar contra a estatização e burocratização dos sindicatos. Trata-se de constituir uma fração revolucionária no seio do movimento operário e dos demais trabalhadores para arrancar a burocracia traidora da direção dos sindicatos e das centrais. O programa da desestatização, desburocratização e independência das organizações operárias é o ponto de partida para a constituição da fração revolucionária.

Crise de direção

A ampla e profunda estatização dos sindicatos expressa o controle exercido pela política burguesa e pequeno-burguesa sobre os explorados. A burocracia, cujas posições de centro-direita e centros-esquerda a diferenciam, não tem ideologia e política próprias, depende do vínculo que tenha com os partidos da ordem capitalista. Eis por que é dividida em frações, que procuram manter-se como uma casta com interesses materiais, apoiadas no manejo dos recursos dos sindicatos. O divisionismo sindical, que chega a antagonismo entre várias centrais sindicais, é produto da política burocrática, que serve aos interesses gerais da burguesia.

O maior desespero da burocracia foi quando o Congresso Nacional aproveitou a reforma trabalhista para eliminar o imposto sindical que conferia altos valores para o caixa dos sindicatos. E seu objetivo primordial foi o de recuperar pelo menos parte dos recursos perdidos, mas para isso os burocratas dependem da mudança de governo, uma vez que não podem recorrer à mobilização dos trabalhadores. Com a eleição de Lula, o interesse particular da burocracia passou a ser negociado. Quanto maior for o recurso, maior a força da burocracia para trancafiar os explorados na camisa de força da política burguesa.

O sindicalismo classista - apoiado inteiramente na sustentação dada pelos trabalhadores filiados e, portanto, oposto ao intervencionismo estatal, ao divisionismo e à dependência diante de qualquer ingerência da política patronal - necessita da luta revolucionária para varrer a burocracia traidora.

A CSP-Conlutas se acha enquadrada nesse sistema geral burocrático, embora sua direção ministrada pelo PSTU procure se manter à esquerda e apregoe o classismo. O centrismo ora está em conflito, ora perfilado com as posições políticas majoritárias da burocracia liderada pelo PT.

A ausência de uma fração revolucionária no interior do movimento sindical indica o quão profunda é a crise de direção. O que corresponde ao caráter embrionário da construção do partido marxista-leninista-trotskista. As manifestações classistas de revolta entre os trabalhadores se diluem na medida em que não confluem com o programa da revolução social, que somente o partido revolucionário pode encarnar.

Este Congresso somente pode servir à luta pela independência dos sindicatos e pela sua reestruturação sobre a base da democracia operária se aprovar um programa de defesa da vida das massas, estabelecer uma clara linha do internacionalismo e se armar por constituir uma fração revolucionária.

As teses apresentadas pelo Partido Operário Revolucionário (POR) procuram responder a esse grande problema, que é a crise de direção e a tarefa histórica de sua superação.